

Estados Unidos: um espaço geográfico, um mosaico de experiências, uma história em construção em Uberaba*

ROBERT MORI

*Graduando em História pela UFTM; bolsista de Iniciação Científica (FAPEMIG).
e-mail: robertmori84rm@yahoo.com.br*

SANDRA MARA DANTAS

*Doutora em História pela UNESP/Franca. Professora Adjunta do Departamento de História da
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG.
e-mail: sandra.dantas@netsite.com.br*

Resumo: Com a expansão geralista, empreendida para as regiões localizadas a oeste das zonas mineradoras, entre o fim do século XVIII e início do século XIX, iniciou-se no Sertão da Farinha Podre, na província de Minas Gerais, a formação de arraiais que, posteriormente, se transformaram em cidades. Após o estabelecimento da Chácara Boa Vista, pelo sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, na confluência do Córrego das Lajes com o Rio Uberaba, iniciou-se a fundação de Uberaba. No princípio, chácaras e um primitivo traçado urbanístico conviveram lado a lado. Em 1881, em uma das sete colinas que caracterizam Uberaba, outrora constituída por quatro grandes propriedades rurais, iniciou-se a formação do bairro Estados Unidos pelas mãos do imigrante italiano Pascoal Toti, na região da atual Praça Comendador Quintino. Com o crescimento do bairro, houve a implantação de um sólido comércio e de indústrias anteriores aos distritos industriais.

Palavras-chave: Uberaba; bairro Estados Unidos; sociedade; cultura; economia

Abstract: This is a study about the general expansion among the regions located in the West of the mining zones, at the end of the 18th century and the beginning of the 19th century. They started in the called Sertão da Farinha Podre, in Minas Gerais, the building of little villas that later on turned into cities. After the establishment of Chácara Boa Vista, in the confluence of Córrego das Lajes with Uberaba River, by Sergeant-Major Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, the foundation of Uberaba city started, and initially little farms and a small urban zone lived side by side. In 1881, by the Italian immigrant Pascoal Toti, the United States district began around the current Praça Comendador Quintino, where there were four big farms before, in one of the seven hills of the city of Uberaba. The villa expanded and a development of commerce and industries occurred.

Keywords: Uberaba; United States district; society; culture; economy

* Este artigo constitui o resultado final de um projeto de extensão em interface com a pesquisa denominado "Memórias e Territorialidades na E.E. Quintiliano Jardim em Uberaba-MG: produção de conhecimentos escolares por meio de um trabalho colaborativo", com apoio da FAPEMIG.

A região do Triângulo Mineiro foi efetivamente ocupada ao longo do século XIX, como parte do processo de interiorização do território brasileiro. Inserida na porção oeste de Minas Gerais, nela se desenvolveram aldeamentos e arraiais, e vários deles, crescendo em população, infraestrutura e serviços, alcançaram a emancipação, tornando-se cidades. Nas cidades *triangulinas*, as populações que foram se adensando exerciam uma série de práticas que, aos poucos, conferiram aos lugares e às pessoas, identidades específicas.

Em Uberaba, atravessada por caminhos que levavam a muitos destinos, aglomerou-se toda sorte de gente, proveniente de diferentes regiões. A presença de imigrantes foi marcante na constituição da história e da identidade locais, como na formação do bairro Estados Unidos, que ainda guarda peculiaridades.

Conhecer e compreender aspectos das memórias, territorialidades e identidades da comunidade do bairro Estados Unidos, em Uberaba, é o reconhecimento de que a história é construída por diferentes sujeitos e não se restringe ao universo dos chamados personagens ilustres. Como ensinou o poeta Ferreira Gullar,

a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.

Assim, propomo-nos a recuperar um pouco das experiências construídas em um pequeno universo, ainda que com nome de grande monta. E para tal empreendimento foi-nos necessário compreender um pouco mais dos primórdios da ocupação da região.

A região do atual Triângulo Mineiro, desde o século XVI até o século XIX, foi ponto de passagem de inúmeras bandeiras que se dirigiam para as regiões de mineração, principalmente na Capitania de Goiás. Toda esta área era um desconhecido e inóspito sertão, habitado pelos temidos índios caiapós.

Em meados do século XVIII, quando os primeiros bandeirantes atravessaram a região, perceberam a presença desses caiapós, pelas esparsas habitações, pelas áreas cultivadas e pelas queimadas, prática utilizada para preparar uma nova área de cultivo. Estes índios de índole acentuadamente guerreira, após a abertura da Estrada dos Goiases ou do Anhanguera, realizada entre os anos de 1722 e 1725, pela bandeira liderada por Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera II) e João Leite da Silva Ortiz, realizaram inúmeros ataques aos viajantes e colonizadores que por ela transitavam.

Para contê-los, em 1746, a Câmara de Vila Boa de Goiás contratou Antônio Pires de Campos e seus mais de 500 índios “mansos” (a maioria bororos), que moveram intensa luta contra os caiapós (LOURENÇO, 2005). Por volta do ano de 1750, Pires de Campos alojou estes índios em aldeamentos, ao longo da Estrada do Anhanguera, entre os rios Grande e Paranaíba, com o objetivo de defender os viajantes dos ataques dos caiapós, para que servissem de defesa do território, pouso para os viajantes e rede de planejamento e expedição para incursões ao território, visando o apresamento e ataques a outros indígenas.

Estes aldeamentos foram construídos nas proximidades de rios e córregos e/ou à beira de caminhos, como a Estrada dos Goiases. Santana do Rio das Velhas, Rio das

Pedras e Piçarrão² possuíam capela, o que permitia seu reconhecimento como aldeamento. Estiva, Uberaba Falsa, Rocinha, Boa Vista, Lanhoso e Baixa, poderiam ser considerados como sítios indígenas, oriundos de dispersão populacional dos aldeamentos (LOURENÇO, 2005).

Além dos índios caiapós, havia também a presença de quilombos. A população que os constituía, em sua maioria composta por escravos fugitivos, ofereceram tenaz resistência. O mais conhecido e temido, o Quilombo do Ambrósio³, com uma população estimada em mil habitantes, em 1746, foi destruído por uma bandeira liderada por Antônio João de Oliveira (LOURENÇO, 2005).

Em 1748, foi destruído pelos caiapós um núcleo aurífero, nas cabeceiras do Rio das Velhas (atual Rio Araguari), denominado Tabuleiro, fundado por geralistas oriundos da Capitania de Minas Gerais. Por volta do ano de 1760, a 18 km dessa antiga povoação, fundou-se uma nova, às margens do mesmo rio: era o Arraial de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque (NABUT, 1986).

O Desemboque, nas cabeceiras do rio das Velhas, contava com um território vasto, que compreendia as atuais regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e sul de Goiás. A produção aurífera do arraial chegou a atingir mais de 100 arrobas de ouro (SAMPAIO, 2001). Porém, este vertiginoso crescimento do povoado do Desemboque, pode ter sido motivado pela presença do “contrabando do ouro mineiro para fora dos limites da capitania, nas fugas do imposto do quinto e das derramas” (LOURENÇO, 2005, p. 115).

Convém ressaltar que no século XIX (até o ano de 1816), o Desemboque era parte integrante da capitania de Goiás. Seu rápido crescimento gerou inúmeros problemas para o arraial que era considerado violento, pois continuamente viajantes eram saqueados ou mortos. Não havia garantias a quem ali se estabelecesse.

Entre o fim do século XVIII e início do século XIX, o Arraial do Desemboque entrou em decadência, gerando um processo migratório partindo deste núcleo populacional para o desconhecido sertão a oeste, denominado Sertão da Farinha Podre. Seus antigos moradores, os geralistas, buscavam novas áreas para a agricultura e a pecuária.

Por volta do ano de 1807, José Francisco de Azevedo e outros moradores oriundos do Desemboque fundaram um pequeno núcleo populacional que não excedia a uma dezena de cabanas de paus roliços, presos por cipós, cobertas com folhas de palmeiras. Com o mesmo material, erigiram uma pequena ermida, cujos oragos eram Santo Antônio e São Sebastião. Este núcleo ficou conhecido como Arraial da Capelinha (PONTES, 1978).

No ano de 1812, Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, Comandante Regente dos Sertões da Farinha Podre, empreendendo uma segunda “entrada” (a primeira ocorreu em 1810), ao desconhecido sertão a oeste do Desemboque, visitou o Arraial da Capelinha, localizado às margens do ribeirão do Lageado. Notando a ausência de solos férteis e de boas aguadas, decidiu avançar cerca de 15 quilômetros a oeste. Na margem

² Atuais cidades de Indianópolis e Cascalho Rico, respectivamente. A evolução de alguns aldeamentos indígenas para a condição de cidade pode ser explicada pela existência de uma população sedentária e de serviços especializados; o que lhes conferiu um caráter proto-urbano. O último foi extinto.

³ O sítio onde existiu o Quilombo do Ambrósio fica no território da atual cidade de Ibiá. Destruido em 1746, renasceu sob o nome de Quilombo Grande ou do Tengo-Tengo e causava receios nos habitantes da região devido à sua organização social e econômica, pois, ao mesmo tempo em que mantinha a coesão, facilitava os ataques a seus inimigos.

do Córrego das Lajes, que contava com numerosas vertentes em sua cabeceira, águas puras e vegetação circundada por campos viçosos, o comandante decidiu estabelecer sua casa de morada (SAMPAIO, 2001).

Denominada Chácara Boa Vista, sua residência localizava-se na confluência do Córrego das Lajes com o Rio Uberaba, bem próximo, portanto, do sítio indígena de Uberaba Falsa, habitado pelos descendentes dos índios bororos trasladados por Antônio Pires de Campos, da Capitania de Mato Grosso. Cerca de dois quilômetros acima construiu o retiro para suas criações. Próximo a esta construção, estabeleceu a tenda de ferreiro de seu escravo, Manuel Ferreira.

Iniciou-se, então, a fundação de um pequeno núcleo populacional por generalistas, denominado Arraial da Farinha Podre, futura cidade de Uberaba. O então Arraial da Capelinha entrava em processo de decadência. As causas deste êxodo ainda são controversas. Os memorialistas uberabenses apontam algumas possibilidades para tal acontecimento. Antônio Borges Sampaio afirmou como causa desta mudança as águas e a fertilidade do solo (2001). Já Hildebrando Pontes citou o prestígio que Antônio Eustáquio gozava (1978). Outro motivo apontado por Edelweiss Teixeira, colhido por relato oral, diz respeito a um ataque de índios caiapós ao Arraial da Capelinha, tendo sido morto o capelão (TEIXEIRA, 2001). Em 1817, foram transferidos os oratórios da Capelinha para Farinha Podre.

Sete anos depois de Antônio Eustáquio se estabelecer na Chácara Boa Vista, em 1819, as duas margens do Córrego das Lajes já estavam sendo ocupadas, formando a primitiva região central da cidade de Uberaba. A atividade econômica inicial era a pecuária (SAINT HILAIRE, 1975).

Entre os anos de 1827 e 1859, a cidade se emancipou e, a partir de então, viveu um período de crescimento econômico e notável aumento populacional, motivado principalmente pelo comércio de sal.

O comércio foi um importante mecanismo para a formação e o desenvolvimento do Brasil Central e da cidade de Uberaba, pois esta era uma região de entreposto comercial. Convém salientar que os processos de urbanização e de modernização do município, durante este período, decorreram diretamente desta atividade econômica (REZENDE, 1991).

A encruzilhada de caminhos que atravessava Uberaba colaborou para seu progresso a ponto de ter se tornado a cidade primaz da região do Triângulo Mineiro. Conforme os dados populacionais do ano de 1868, a cidade mostrava-se comparável a Cuiabá, dada sua movimentação e sua população (7.681 habitantes), que ultrapassava numericamente outras capitais de província como Goiás (4.500 habitantes), Curitiba (3.000 habitantes), Vitória e Natal (5.000 habitantes cada uma), entre outras (LOURENÇO, 2005). Como entreposto comercial, as atividades econômicas se diversificaram, verificando-se a existência de vários comerciantes, mascates, vendedores e outros. Houve uma intensificação do fluxo populacional e o aumento da demanda por novos serviços.

A urbanização crescente pela qual a cidade de Uberaba passava, no final do século XIX, promovia a ocupação de novas áreas pelos moradores. Esta ocupação se iniciou de um centro incipiente, onde posteriormente foram ocupadas as adjacências deste núcleo, em um movimento denominado centrífugo. E uma das formas de ocupação do solo na região *triangulina*, eram as denominadas chácaras.

Após a construção da pequena capela e o adensamento populacional em seu entorno, novos moradores chegavam ao pequeno arraial e, nas áreas mais distantes do núcleo original, construía suas habitações com características que mesclavam o aspecto rural e aspectos ditos “mais modernos”.

Das primeiras chácaras, no século XIX, formaram-se os primeiros bairros de Uberaba, que comumente, diz-se, eram “altos” ou “colinas”⁴ que marcavam a paisagem de maneira singular. Na colina ou área compreendida atualmente como bairro Estados Unidos, destacaram-se quatro propriedades: a Chácara do Comércio, a Quinta da Boa Esperança, a dos Dominicanos e a dos Eucaliptos.

A Chácara do Comércio era habitada pelo padre Zeferino Batista do Carmo, considerado o introdutor da viticultura em Uberaba, plantando a primeira vinha e produzindo o primeiro vinho do município, exportado para a Europa e tendo como destino também a cidade do Rio de Janeiro, sede da Corte (PONTES, 1978). O solo, o clima e o índice pluviométrico da região de Uberaba eram favoráveis ao cultivo das videiras. Sua propriedade contava com um vasto e belo pomar, composto de inúmeras variedades de frutas nacionais e exóticas.

Se a primeira ocupação do atual bairro Estados Unidos foi mediante a construção de chácaras, a conformação que esta região adquiriu como bairro se deve ao empenho e pioneirismo do imigrante italiano Pascoal Toti. Convém antes ressaltar que não houve, em um primeiro momento na história do bairro Estados Unidos, um período em que primeiramente foram instituídas as chácaras e, posteriormente, as construções físicas que configuram um bairro, tais como a demarcação de terrenos e a construção de ruas e passeios. O nascimento e crescimento do bairro se deu ao mesmo tempo em que chácaras eram criadas e o traçado urbanístico era constituído.

Na história do bairro Estados Unidos, uma importante figura se destaca: Toti. Este imigrante italiano, no ano de 1871, aos 20 anos de idade, buscando fortuna, estabeleceu residência nos Estados Unidos, país da América do Norte, local em que permaneceu até 1875, retornando à Itália. Em maio de 1880, veio para o Brasil. Procurou a região do Triângulo Mineiro, exercendo a profissão de vendedor ambulante, decidindo posteriormente se estabelecer em Uberaba (PONTES, 1992).

No ano de 1881, o italiano instalou-se no Alto ou Largo das Cavalhadas⁵, atual Praça Comendador Quintino⁶, em um terreno situado na esquina da Avenida Presidente Vargas. Foi Pascoal Toti também quem denominou de Alto dos Estados Unidos, o antigo Alto ou Largo das Cavalhadas, dando origem assim, ao nome do bairro.

Os negócios de Toti no bairro Estado Unidos eram bastante diversificados. O italiano fundou uma fábrica de macarrão e outra de artefatos de cerâmica. Conhecido como “rei das casas”, “institui entre nós o sistema de construção de casa para aluguéis à moda de como se faz nas grandes capitais de dentro e fora do país” (PONTES, 1992). Pascoal Toti era uma proeminente figura da colônia italiana em Uberaba, atuando dentro de um sistema de apoio aos compatriotas.

A partir de sua atitude pioneira, inúmeras famílias foram se transferindo para o local, em um processo de urbanização contínuo. No ano de 1888, Pascoal Toti fundou a

⁴ Alto do Cuiabá (Bairro Mercês), Alto da Matriz (Bairro São Benedito), Alto do Barro Preto (Bairro Leblon), Alto da Misericórdia (Bairro Abadia), Alto dos Estados Unidos (Bairro Estados Unidos), Alto da Estação (Bairro Boa Vista) e Alto do Fabrício (Bairro Fabrício).

⁵ Este nome deriva da ocorrência neste local, durante a segunda metade do século XIX, das cavalhadas, celebração de origem portuguesa que, segundo o memorialista Edelweiss Teixeira (2001), chegaram a Uberaba somente após a Guerra do Paraguai.

⁶ Outra denominação empregada para o núcleo em formação do bairro Estados Unidos (a Praça Comendador Quintino) era Largo da Piedade. Havia um desejo dos moradores de construir uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade. Antes, o Largo e suas adjacências eram conhecidos como Morro Plano, Alto do Rosário ou, como já vimos, Alto das Cavalhadas.

primeira fábrica de cerveja de Uberaba, denominada Cervejaria da Liberdade.

No mesmo ano em que Toti decidiu se estabelecer no Alto dos Estados Unidos, ou seja, 1881, a Ordem Religiosa dos Dominicanos chegou ao Brasil, procurando a cidade de Uberaba para construir o primeiro templo dominicano do país. Por meio da doação de um terreno antes pertencente ao Comendador José Bento do Valle e sua esposa, D. Francisca Teodora da Silva Valle, construíram no bairro Estados Unidos a Igreja de São Domingos, inaugurada no ano de 1904.

Em seu entorno, estava localizada a Chácara dos Padres Dominicanos, cuja propriedade começava na Igreja de São Domingos, alongando-se até o Córrego das Lajes, que atualmente passa canalizado sob a principal via da cidade: a Avenida Leopoldino de Oliveira.

Esta, porém, não foi a primeira igreja do bairro. Em 1854, por iniciativa de Cândido Justiniano da Lira Gama, em cumprimento a uma promessa feita por ele para se livrar do alcoolismo, foi edificada a Igreja de Santa Rita. Em 1877, também em cumprimento a uma promessa, o negociante Manoel Joaquim Barcelos concluiu a obra.

Tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1939, o templo religioso começou a ser restaurado com o esforço do Coronel Antônio Zeferino dos Santos e de Gabriel Toti, filho de Pascoal Toti. Na década de 1980, a igreja foi transformada em Museu de Arte Sacra. Atualmente é o único monumento histórico tombado da região do Triângulo Mineiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), contando com um acervo de peças barrocas, vestes sacras, paramentos, alfaias e outros.

Já em 1887, foi construída a Chácara Quinta da Boa Esperança, que teve como seu primeiro proprietário, o baiano Crispiniano Tavares, escritor, engenheiro fiscal da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, e professor do Instituto Zootécnico.

Havia nesta chácara, grandes avenidas de mangueiras, um vasto pomar composto por frutas nacionais e exóticas, e um grande vinhedo, constituído por inúmeras variedades de uvas, destinado à produção de suco e vinho. Cultivavam também café, arroz, algodão, cana de açúcar e hortaliças. Produzia-se açúcar redondo, rapadura, pinga e álcool (a partir de um engenho de ferro movido à tração animal), e também doces, vinhos e laticínios (CASANOVA, s/d).

Aproveitando a presença de três grandes minas d'água, já utilizadas na propriedade, Crispiniano Tavares passou a fornecer o importante líquido para os primeiros moradores do recente bairro Estados Unidos, já que, por sua iniciativa, estavam se instalando os primeiros loteamentos nas terras ligadas à sua propriedade.

Com uma produção diversificada e com mão-de-obra numerosa, podemos concluir que o aumento das demandas produtivas tanto da cidade de Uberaba, que estava em expansão, como do bairro Estados Unidos, que então estava se configurando, propiciou a formação de um comércio daqueles produtos feitos na Chácara Quinta da Boa Esperança.

Por último, havia também a Chácara dos Eucaliptos ou Vila dos Eucaliptos, possuidora de um belo pomar, construída em 1916 por José Maria dos Reis, agropecuarista, engenheiro agrônomo e influente político local e estadual. Atualmente, na sede da antiga propriedade funciona o Museu de Arte Decorativa (MADA), cujo acervo se constitui de móveis, peças de porcelana inglesa da década de 1920, biblioteca e obras do conceituado artista plástico José Maria dos Reis Júnior.

Para compreender a constituição da população do bairro Estados Unidos, é preciso retroceder no tempo e buscar o processo de constituição do espaço urbano uberbense. É importante ressaltar o papel dos generalistas, assim como também dos imigran-

tes. A cidade de Uberaba contou em sua história com quatro correntes migratórias que constituíram seu contingente populacional.

A primeira corrente migratória, empreendida pelos geralistas, composta por famílias pouco abastadas, durou até por volta do ano de 1827. A segunda corrente (1827-1859) contou com famílias empreendedoras, que construíram inúmeras edificações e investiram parte do seu capital em diversos negócios. A terceira corrente, entre 1859 e 1889, foi composta pelos primeiros imigrantes e por famílias ricas, oriundas das lavras diamantinas decadentes de Bagagem, atual cidade de Estrela do Sul. A partir de 1889, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Mogiana, iniciou-se a quarta corrente migratória que povoou a cidade de Uberaba. Era composta tanto por brasileiros, quanto por um grande afluxo de famílias imigrantes de diversos países da Europa e do continente asiático.

Principalmente a partir da quarta corrente migratória, o núcleo urbano da cidade sofreu uma série de novas construções e implementação de serviços que passaram a integrar a paisagem: arquitetura de estilo europeu, abertura de novas ruas, arborização de praças, lojas de armarinhos, livraria, colégios, criação de um instituto politécnico, confeitaria e restaurantes com “*menus à francesa*”, casas de jogos, associações artísticas e musicais, teatro e a realização de saraus e concertos.

Entre as alterações efetuadas no espaço da cidade, destacaram-se o prolongamento da antiga Rua do Comércio (atual Rua Artur Machado) até a Estação Ferroviária da Mogiana, por volta do ano de 1889, possibilitando a abertura da Praça Crispiniano Tavares, que ficou conhecida popularmente como Praça da Gameleira⁷, um dos principais espaços públicos do florescente bairro Estados Unidos. A Rua do Comércio era, então, ponto de passagem obrigatório para qualquer pessoa que chegasse a Uberaba, via estrada de ferro, inclusive os imigrantes que, percorrendo sua extensão, encontravam à sua esquerda o Alto dos Estados Unidos, local que já vinha sendo escolhido pelos primeiros estrangeiros para o estabelecimento de residências, possivelmente devido ao agradável bairro que ali se configurava, e procurando um local onde pudessem se fixar de maneira próxima uns dos outros. Esta foi uma característica marcante, já que as redes de relações existentes restringiam-se, em um primeiro momento, ao próprio grupo étnico (SILVA, 1996).

Os motivos que levaram estes contingentes de imigrantes, a maioria composta por camponeses, a se deslocarem de seus países de origem, foi “a pobreza e escassez de terras para o sustento de suas famílias [sendo a migração] uma alternativa para superar as dificuldades econômicas, e também políticas” (GOMES, 2012, p. 143). Italianos, espanhóis, portugueses, árabes, japoneses, entre outros, se dirigiam para cidade de Uberaba de maneira subvencionada, ou seja, dentro dos parâmetros estabelecidos pelo estado de Minas Gerais para a imigração, ou de maneira espontânea, vindos principalmente do estado de São Paulo, após conseguirem o pecúlio necessário para o seu deslocamento e fixação no município.

Traziam consigo a esperança e o sonho de uma vida melhor. E aliado a isso, um pouco da cultura de seu local ou país de origem que, em um processo de encontro com a cultura que aqui era constituída, gerou elementos próprios.

⁷ Atualmente denominada Praça Afonso Pena, também conhecida como Praça da Concha Acústica. Em 1908, foi ricamente ajardinada, preservando sua gameleira secular. Porém, nos anos 1960, a árvore foi cortada sob a alegação de que estava condenada. No início da década de 1970, foi construído um palco em formato de concha, visando obter uma boa acústica para as apresentações musicais.

A chegada destes imigrantes dinamizou o comércio uberabense. Eles se dedicaram a inúmeros ofícios. Atuaram como carpinteiros, relojoeiros, sapateiros, tipógrafos entre outras atividades. Contribuíram também para a industrialização da cidade, na medida em que muitos deles trouxeram novas tecnologias e conhecimentos. Empreendedores, construíram no bairro Estados Unidos, fábrica de refrigerante, macarrão, cervejaria, padarias, sendo esta região o local preferencial de sua fixação.

É notória a presença das famílias de imigrantes no bairro Estados Unidos, quando observamos que nele, foram fundados, nos anos finais do século XIX e início do século XX, a *Società de Mutuo Socorso Fratellanza Italiana*, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e a Associação Portuguesa de Beneficência. Esta última associação, ainda hoje existente, é a mantenedora do Hospital Beneficência Portuguesa, localizado na Praça Comendador Quintino. É uma entidade filantrópica e sem fins lucrativos.

O bairro conta atualmente com mais duas importantes casas de saúde: o Hospital da Criança, destinado ao atendimento pediátrico e o Sanatório Espírita, hospital psiquiátrico cujo início da construção ocorreu no ano de 1927, por intermédio de uma mobilização por parte de espíritas kardecistas uberabenses. A construção se prolongou por sete anos, com bastantes dificuldades. A verba para sua construção era oriunda de doações dos seguidores do espiritismo na cidade.

Finalmente em 1934, o Sanatório Espírita de Uberaba foi inaugurado. Visava o atendimento de pessoas carentes da cidade, o tratamento de moléstias não contagiosas e das pessoas acometidas por distúrbios psiquiátricos. Instituição de caráter filantrópico, ainda hoje presta relevantes serviços à população de Uberaba e região. É um dos pontos de referência do bairro.

Constituído a partir das chácaras, os contornos das ruas e logradouros do bairro careciam de atenção e, aos poucos, estratégias de alinhamento e arruamento foram implementadas para delimitar o espaço urbano e o que ainda se aproximava do rural.

Como dito anteriormente, o bairro Estados Unidos teve como seu núcleo de formação a Praça Comendador Quintino. Hildebrando Pontes (1978), na década de 1930, refere-se às seguintes ruas que partem deste logradouro e que, na época, concentravam grande parte da população do bairro: Rua Martim Francisco, Rua Senador Feijó, Rua Henrique Dias, Rua Sete de Setembro e Avenida Presidente Vargas (antiga Rua João Pessoa). O que é importante ressaltar é que mesmo sendo as ruas mais populosas do bairro, estas não contavam com nenhum tipo de melhoramento, obrigando a população a conviver com a poeira no período das secas e a lama durante o período chuvoso.

O processo de urbanização vivenciado pela cidade de Uberaba voltou a se intensificar somente a partir da década de 1950. A cidade foi dotada de melhorias tais como o asfaltamento de inúmeras vias, a construção de rede de esgoto e de água e de uma nova rede de energia elétrica.

Por meio das fontes orais, podemos observar que durante este mesmo período, o bairro Estados Unidos também foi dotado de inúmeras melhorias. Possivelmente, foi a fase de maior crescimento de sua infraestrutura.

Os primeiros loteamentos do município de Uberaba foram realizados por Crispiniano Tavares, nos terrenos da chacara Quinta da Boa Esperança. Posteriormente, os grandes terrenos existentes no bairro Estados Unidos foram, pouco a pouco, fragmentados pela figura do empreendedor imobiliário que, ao dividir um pedaço de terra em lotes e vendê-los, atuou como um construtor do espaço físico da cidade.

Importante também foram as fábricas que se instalaram no bairro. Como a cidade ainda não contava com distritos industriais, cuja principal função é regulamentar

o sistema industrial, somente instituídos entre o fim da década de 1960 e início da década de 1970, as fábricas se espalhavam pelos bairros de Uberaba. Os principais redutos industriais eram os bairros São Benedito (proporcionalmente com o maior número de empresas) e Estados Unidos.

Na década de 1960, Chiquinho Bertoldi, descendente de italianos, vendeu um sítio e como pagamento recebeu uma parte em dinheiro e a outra em um imóvel localizado na Rua Barão de Ituberaba, esquina com Rua Henrique Dias. Ali funcionava uma pequena fábrica de refrigerantes denominada Sandra Guaraná. A produção era pequena e a fábrica contava com quatro máquinas manuais. Com este novo investimento em andamento, Chiquinho Bertoldi decidiu modificar o nome da empresa. No ano de 1962, com a Copa do Mundo em andamento, e o Brasil no auge, o *Jornal Lavoura e Comércio* estampou em suas páginas um gol de Pelé, apelidando-o de “Golé”, misturando a palavra gol com a palavra *olé*, das touradas. Assim, nascia no bairro Estados Unidos, a indústria de refrigerantes Golé (*JM Extra Negócios*, 2008).

Já em 1971, pelas mãos de Francisco Borges da Costa, nascia a Fábrica de Doce Zebu, na Rua Coronel Sampaio, esquina com a Rua Monte Alverne. Conhecida pela qualidade de seus produtos e pelo aroma exalado pela fabricação dos diversos tipos de doces, dentre os quais os mais famosos eram o doce-de-leite cremoso ou em tablete, a goiabada e a cocada. Para melhor atender os clientes, também funcionava defronte à fábrica um comércio atacadista.

Na Rua José Clemente Pereira, esquina com a Rua XV de Novembro, pelas mãos de imigrantes japoneses, surgiu a Fábrica de Balas Thori, famosa pelos dois sabores de bala que produzia: tangerina e hortelã. Este produto marcou a infância e adolescência daqueles que viveram no bairro e na cidade de Uberaba nas décadas de 1950 e 1960. Em um relato pessoal, ouvimos o seguinte: “Era uma bala dura, que demorava a derreter na boca. A embalagem do sabor tangerina era alaranjada e verde. Eram muito gostosas. A minha preferida era a de tangerina”⁸.

Havia também no bairro Estados Unidos a Fundação Alonso, que trabalhava com metais não ferrosos e também fabricava maquinário para diversas fábricas de Uberaba, inclusive a Fábrica de Balas Thori. Assim, a economia se fortalecia, com produtos e bens sendo adquiridos no próprio bairro.

Duas carpintarias eram bastante conhecidas: a Santos Guido e a Carpintaria e Ferraria dos Irmãos Rosseti. Esta última fabricava tonéis para armazenamento de aguardente que eram vendidos para alambiques de Uberaba e região. Também construíam carros de boi, carroças para charrete e arados destinados à agricultura.

Atualmente ainda existem algumas indústrias no bairro que empregam um considerável número de funcionários, muitas vezes residentes na própria região.

Outro ramo econômico florescente do bairro Estado Unidos, ao longo do século XX, foi o comércio. Brasileiros, imigrantes ou seus descendentes de diversas origens dominavam vários ramos de negócio. Panificadoras (Aurora, Tupã e Brasileira), a farmácia Cruzeiro na Praça Comendador Quintino, a Vidraçaria Brandão, a Sorveteria Cascata, enfim, um comércio diversificado foi aos poucos sendo implementado no bairro.

Os imigrantes de origem árabe que também chegavam ao bairro Estados Unidos foram os responsáveis pela criação do Alto dos Árabes, como eram denominadas as ruas de comércio ocupadas por seus negócios. Negociando em suas casas comerciais principalmente tecidos e armarinhos, instalaram-se primeiramente na Rua Padre Zefe-

⁸ Adalberto Mori, depoimento gravado em 27 de outubro de 2010.

rino, que passou a ser conhecida como Rua dos Turcos.

Uma das mais conhecidas casas comerciais do bairro era a Loja São Geraldo. Surgiu em 1926 e comercializava artigos de cama, mesa e banho, calçados, confecções, tecidos, entre outros produtos.

Na Rua Padre Zeferino, as crianças tinham um lugar garantido na Loja Daher, destinada ao comércio de brinquedos. Havia também a Loja Veneza, que comercializava tecidos. Esta rua, detentora de grande parte do comércio do bairro, também contava com alfaiataria, farmácia, posto de gasolina, oficina mecânica, bares, lojas de sapato, lavanderia. Atualmente, os pontos comerciais do bairro se expandiram não se concentrando mais na Rua Padre Zeferino. Há também um comércio forte, principalmente na Rua Oswaldo Cruz. Além disso, podemos citar também pontos comerciais de relativa importância na Praça Carlos Gomes, nas Ruas General Osório, Marquês do Paraná e XV de Novembro.

Assim, ocorreu um movimento de expansão do comércio, antes concentrado principalmente na antiga Rua dos Turcos (Rua Padre Zeferino). Este comércio, denominado “comércio de bairro”, atrai inúmeros consumidores do próprio local e também de diversas partes da cidade, que buscam, além da variedade de produtos, tradição e qualidade no atendimento.

O bairro também conta com a Feira Livre I, realizada todos os sábados. Inicia-se no período da manhã sendo encerrada no começo da tarde. Este tipo de comércio popular de alimentos, produtos hortifrutigranjeiros, artesanato, entre outros produtos é instalado na Rua Oswaldo Cruz, entre as Ruas Marquês do Paraná e General Osório.

A vida cultural no bairro também contou com o único cinema localizado fora da região central da cidade, o Cine-Teatro Royal, na Praça Comendador Quintino, que substituiu o Cine Capitólio, fundado em 11 de maio de 1925. Durante décadas, as principais produções cinematográficas podiam ser vistas pelos moradores do Bairro Estados Unidos. Posteriormente foi adquirido pela Companhia Cinematográfica São Luiz, tendo encerrado suas atividades em 1959. O prédio, ainda hoje existente, construído em estilo eclético, conserva traços de sua arquitetura original.

No campo esportivo, em 24 de março de 1938, foi fundado o Independente Atlético Clube (IAC). O time futebolístico nasceu a partir do descontentamento de alguns diretores do Uberaba Sport Club (USC).

As cores do clube azul e branco, do bairro Estados Unidos, foram escolhidas pelos próprios jogadores (*Lavoura e Comércio*, de 15/07/1994). O primeiro jogo oficial, no dia 31 de julho de 1938, aconteceu contra o combinado do Frigorífico Barretos, sendo o pontapé inicial da partida, dado pelo então prefeito Whady Nassif. Saiu vencedor deste confronto o time uberabense (*Gazeta de Uberaba*, 01/08/1938).

O primeiro nome do estádio do IAC foi Sebastião Braz. Posteriormente, o campo onde o time mandava seus jogos mudou-se para a esquina da Rua Oswaldo Cruz com Marquês do Paraná, sendo rebatizado com o nome de “Antônio Dal Secchi”, em homenagem a um importante e atuante presidente do clube.

Organizado e com boa aceitação entre os moradores, o IAC viveu momentos de glamour. Contava com torcida organizada, e as partidas movimentavam a população local. Ao ser indagada sobre algo existente no bairro do qual sente saudades, a aposentada Maria Dirce Mori da Silva, 79 anos, não hesita em responder, “Saude do Independente” e conta com orgulho que, na adolescência, foi líder de torcida e possuía uniforme para animar as partidas, “uma saia branca pregueada e uma blusa com o em-

blema do Independente”⁹.

O “time dos estudantes”, de uniforme azul e branco, em referência ao grande número de universitários que compunha seu elenco, participou da elite do campeonato mineiro nos anos de 1968 e 1969. Um dos principais times do campeonato amador de Uberaba, o IAC tem encenado tentativas de volta ao futebol profissional. Atualmente, em suas dependências funciona um projeto de escolinhas de futebol, destinado às crianças de toda a cidade.

No ano de 1942, foi criada a Associação de Cegos do Triângulo Mineiro pelos professores Antônio Simões Borges e Cléver Novais. Em 1947, a Associação passou a ser denominada Instituto de Cegos do Brasil Central (ICBC). Entidade beneficente de assistência social, reconhecida pelos notáveis serviços prestados aos cegos ou portadores de visão subnormal, conta com excelente conceito e infraestrutura.

Outro importante referencial do bairro Estado Unidos é a Praça Carlos Gomes. Ponto de encontro e lazer tanto para crianças como para jovens, adultos e idosos, conta com quadras em seu espaço físico. Em suas adjacências localiza-se a Igreja Nossa Senhora de Fátima, importante templo católico de Uberaba, recentemente restaurado, onde ainda hoje é realizada uma famosa quermesse. O comércio localizado em seu entorno é constituído atualmente de supermercado, açougue, panificadora, bares e sorveteria.

Assim é o bairro Estados Unidos. Um bairro onde o antigo convive com o moderno, expresso, por exemplo, em traços da arquitetura neoclássica, que resiste ao lado de construções em estilo contemporâneo. Um lugar onde a chegada das grandes redes de atacado e varejo não extinguiu a presença do comerciante que ainda vende na caderneta, naquele pequeno cômodo, e que recebe o que lhe devem na data do pagamento do freguês e que, com este ato, conquista a freguesia.

É um pedaço de Uberaba onde um passeio pelas suas ruas mais antigas levamos a pensar se estamos em uma típica cidade do interior. Não que Uberaba não seja uma cidade de interior. Referimo-nos àquelas cidades bem pequenas, onde ainda é possível sentar à porta de casa e conversar com os vizinhos.

Reduto de famílias de imigrantes europeus e asiáticos, que se instalaram ali há décadas, e que dali não quer sair, esta gente construiu uma identidade brasileira em um bairro cujo nome nos remete a outro país, localizado na América do Norte: os Estados Unidos.

Bairro de indústrias anteriores à criação dos distritos industriais. De indústrias que resistiram ao tempo e às crises econômicas. Algumas ainda existentes no mesmo lugar. Outras que se expandiram e se transferiram para outros bairros. Uma parte, hoje, sobrevive na memória dos antigos moradores. Estes, que relembram a importância dos momentos vividos no passado, mas que não deixam de reconhecer os avanços do tempo presente.

Comércio forte, sobre o qual ouvimos de alguns moradores que afirmam com certo orgulho, que “eu não preciso ir ao centro da cidade ou a outro bairro para comprar o que eu preciso. Encontro tudo aqui”¹⁰. Assim, a economia cresce, fortalecendo o comércio local.

Assim é um pouco da história do antigo Alto das Cavalhadas, Largo do Pascoal, Largo da Piedade, e finalmente Bairro Estados Unidos. Bairro que começou pequeno e se transformou em um dos maiores e mais tradicionais da cidade, cujos moradores

⁹ Maria Dirce Mori da Silva, depoimento gravado (17/02/2011).

¹⁰ Maria Dirce Mori da Silva, depoimento gravado (17/02/2011).

foram construindo uma identidade que, continuamente, privilegia os aspectos que ressaltam a cooperação, o crescimento e o desenvolvimento, evitando mencionar o conflito.

Fontes

Adalberto Mori. Depoimento gravado (27/10/2010).

JM Extra Negócios. Uberaba: Rio Grande Artes Gráficas, n. 2, ago. 2008. 100 p. Edição Especial.

Gazeta de Uberaba – Nº 5089 – Ano 60 – 01/08/1938 – p. 4.

Lavoura e Comércio – Ed. Especial – Nº 24807 – Ano XCVI – 15/07/1994 – p. 6.

Maria Dirce Mori da Silva. Depoimento gravado (17/02/2011).

<http://www.icbcuberaba.org.br>. Acessado em: 30/03/2012 às 13:59h

Referências

CASANOVA, Marta Zednik. *Bairro Estados Unidos*. (s/d)

GOMES, Sueli de Castro. “No rastro do café chegaram nossos avós: uma revisão dos estudos sobre a imigração na República”, *Boletim de Geografia*. Maringá, v. 30, n. 3, p. 141-153, 2012.

LOURENÇO, Luís A. B. *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista, Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

NABUT, Jorge Alberto (org.) *Desemboque: documentário histórico e cultural*. Uberaba: Arquivo Público, 1986.

PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

_____. *Vida, casos e perfis*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

REZENDE, Eliane Mendonça Marquez de. *Uberaba 1811-1910: uma trajetória sócio-econômica*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991.

SAINT HILAIRE, Auguste. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SAMPAIO, Antônio Borges. *Uberaba: história, fatos e homens*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

SILVA, Heladir Josefina Saraiva e. “A nupcialidade dos imigrantes italianos em Uberaba” (1892-1902), *Estudos de História*. Franca, v. 3, n. 1, p. 133-153, 1996.

TEIXEIRA, Edelweiss. *O Triângulo Mineiro nos oitocentos (séculos XVIII e XIX)*. Uberaba: Intergraff Editora, 2001.